



Acta Scientiarum. Language and Culture
ISSN: 1983-4675
ISSN: 1983-4683
actalan@uem.br
Universidade Estadual de Maringá
Brasil

O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica

Polato, Adriana Delmira Mendes; Menegassi, Renilson José

O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 41, núm. 2, 2019

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307462019012>

DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i2.44773>



Este trabalho está sob uma Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.

O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica

Adriana Delmira Mendes Polato
Universidade Estadual do Paraná, Brasil
ampolato@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i2.44773>
Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307462019012>

Renilson José Menegassi
Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Recepção: 27 Setembro 2018
Aprovação: 24 Outubro 2019

RESUMO:

O artigo apresenta um estatuto dialógico para a prática pedagógica de Análise Linguística – AL, sob os aportes da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin e da perspectiva da Análise Dialógica de Discurso. É uma caracterização teórico-pedagógica responsiva às tendências retrospectivas da AL em três décadas de seu desenvolvimento na Linguística Aplicada do Brasil. Envolve planos teóricos, conceituais, metodológicos e prospecta expansões interpretativas para (re)orientar proposições à tomada do objeto na direção de suas abordagens científica e prática. Os resultados apontam: sob perspectiva dialógica, a AL apresenta: a) objetivos pragmáticos, ao revestir os fenômenos linguísticos manifestados em textos mobilizados em gêneros de uma interpretação axiológica, a partir da relação estilo-gramática; b) objetivos sociais, ao servir à expansão dos níveis de consciência socioidiológica de sujeitos em situação de ensino e aprendizagem. Nessas bases, corrobora a compreensão e a produção valorada do discurso e a transformação de relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Linguística, estatuto dialógico, conceitos axiológicos, relações sociais.

ABSTRACT:

This article presents a dialogic status to the pedagogical practice of Linguistic Analysis – LA. It does so on the basis of the Bakhtin Circle's dialogic theory and from the perspective of Dialogic Discourse Analysis. The theoretical and pedagogical characterization is responsive to LA retrospective trends emerging within three decades of development in Brazilian Applied Linguistics. It encloses theoretical, conceptual, and methodological planes, in addition to seeking to open up interpretations with a view to (re) guiding propositions on how to address the object under scientific and practical approaches. Results reveal the following: from a dialogic perspective, LA presents: a) pragmatic aims, by imbuing linguistic phenomena, disclosed in texts which are put into action by discourse genres, with axiological interpretation. This is made possible by the style-grammar relation; b) social aims, by allowing for expansion of social and ideological awareness of subjects involved with teaching and learning. Thus, it corroborates comprehension and valuational production of discourse, in addition to transformation of social relations.

KEYWORDS: Linguistic Analysis, dialogic status, axiological concepts, social relations.

INTRODUÇÃO

A Análise Linguística, em sentido pedagógico, já tem mais de trinta anos na Linguística Aplicada do Brasil (LA) e até agora ainda não fez surtir sua força social. O socioverbal valorado não tem sido abordado adequadamente, como se espera com o trabalho com o dialogismo, já discutido no país há mais de três décadas. É o que discutiu em pesquisa de doutorado Polato (2017), a partir das vozes de setenta e sete trabalhos brasileiros que envolvem o objeto, em retrospectiva histórica para a compreensão do desenvolvimento vinculado, sob a ótica da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin e sob a perspectiva metodológica da Análise Dialógica de Discurso (ADD). Seguimos à síntese dessa história e depois ao estatuto dialógico proposto.

A partir do surgimento da proposta de AL na LA do Brasil, com Geraldi (1991-2013, 1984-2006), delinea-se uma perspectiva pedagógica de reflexão sobre a língua em uso, com ancoragem metodológica na reescrita do texto produzido pelo aluno, com vistas a melhorias assentadas em objetivos interacionais e

ênfase no direcionamento ao interlocutor. A proposta vislumbra, ainda, constituir a capacidade e a habilidade do sujeito produtor para melhorar o próprio texto. As recomendações para o trabalho de reescrita tanto contemplam observações normativo-gramaticais quanto se ancoram em pressupostos da Linguística de Texto (Koch, 1984) para abordagem da coesão interna e da coerência, com sugestão de tratamento de um tema por vez. Desse modo, a AL nasce oscilando entre uma perspectiva cognitivista e, em proposta de ruptura – dialógica, por prospectar a importância do projeto interlocutivo instaurado (Polato, 2017).

Já a partir de 1991, em *Portos de Passagem*, Geraldi avança e tanto renuncia vozes vinculadas à LA, como a de Franchi (1987), quanto, de forma majoritariamente pictórica e menos linear (Bakhtin ^[1], 2006f), reenuncia as dos teóricos do Círculo de Bakhtin, para reapresentar a Análise Linguística sob uma perspectiva mais dialógica, cuja proposta metodológica recomenda atenção às estratégias de dizer mobilizadas pelo locutor, em projeto de compreensão lançado ao interlocutor constituído, em dadas condições de produção. As atividades epilinguísticas e metalinguísticas (Franchi, 1987) passam, na voz de Geraldi (1991-2013), a integrar a base da proposta metodológica da AL, agora, também, direcionada ao processo de leitura. Na visão já dialógica de Geraldi (1991-2013), tanto no processo de produção textual quanto no de leitura, o aluno, de seu lugar sócio-histórico, age para interpretar relações sociais representadas no texto por meio de uma consciência deliberada, balizada por reflexões que envolvem as condições de produção do texto, as quais desfecham, em termos materiais, nas escolhas linguísticas concretizadas. Ao operar sobre a língua para estreitar o projeto de compreensão ao interlocutor na escrita e ao analisar e apreender aspectos linguísticos agenciados na leitura, o aluno age compreendendo de forma ativa. Tais pressupostos são consoantes ao que expressa Bakhtin (1988b, 2003c): a compreensão é sempre responsiva, porque o sujeito faz do enunciado de outrem o seu próprio enunciado novo, como expressão de sua relação axiológica com o conteúdo, de forma dialógica, ao interpretar condutas sociais situadas e representadas na linguagem, acolhendo-as em seu diálogo interior e devolvendo-as revaloradas ao social nas enunciações concretas das quais participa.

O projeto de Geraldi (1991-2013) ainda não contempla a proposta de ensino sob a perspectiva dos gêneros discursivos. Tal recomendação se efetiva apenas no final dos anos 90, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN (1998), os quais, da mesma forma, preconizam a Análise Linguística como eixo de reflexão sobre a língua em uso. Decorre que as pesquisas sobre AL, na década de 90, praticamente estacionadas em detrimento às preocupações dos linguistas estarem pendentes à reconfiguração do ensino gramatical, sob a égide de diversas teorias como o Funcionalismo, a Sociolinguística e outras (Neves, 1990, 1993; Possenti, 1996; Travaglia, 1996), renascem responsivas a todos esses avanços na primeira década de 2000.

Assim, de 2000 a 2010, as pesquisas relacionadas ao ensino gramatical ou à Análise Linguística reenunciam as vozes heterogêneas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), enfocam a Análise Linguística no gênero sob uma miscelânea de perspectivas (Porto, 2008), discutem as abordagens da AL em livros didáticos, além de constatarem e apresentarem procedimentos analíticos também heterogêneos (Silva, 2008), como forma de tentar incorporar avanços sugeridos pela linguística. Por isso, o objeto sofre ampliações conceituais e metodológicas significativas.

Presa a este elo do presente - o dos gêneros - e suscitada pelo elo-voz passado de Geraldi (1984-2006, 1991-2013) – a do dialogismo na sua base epistemológica centrada na interação verbal, a Análise Linguística, na primeira década 2000, não converge totalmente a uma perspectiva dialógica de trabalho com a linguagem, preocupada com a constituição social do discurso, porque ainda se mostra mais cognitiva e menos dialógica, em razão de prevalecerem modos recortados (Rojo, 2005; Brait & Pistori, 2012) de se conceber o gênero do discurso e a própria abordagem dos elementos linguísticos em foco nas análises ou sugestões de trabalho.

A tomada de aspectos valorativos da constituição do discurso via interpretação da relação estilo-gramática se efetiva de modo parco, com centralidade no estilo social dos gêneros e aparatos descritivos dessa realização. Nas abordagens de aspectos linguístico-enunciativos ou discursivos prevalecem pressupostos de teorias como a Linguística de Texto, a Teoria da Argumentação, em diálogo algumas vezes levemente amarrado a recortes

da teoria do Círculo de Bakhtin. A compreensão axiológica do gênero e da realização verbal não se efetivam, apesar de sua importância ser periféricamente prenunciada do ponto de vista teórico (Polato, 2017).

Por outro lado, é ainda nesta década que, em quantitativo mais tímido, se levanta a voz de uma perspectiva dialógica na AL. Começa a haver aprofundamento de aspectos diversos abordados pela teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, como se observa na pesquisa de Vedovato (2008), tendência que se acentua na década posterior. Nesse caso, a proposta de renovação de tratamento de aspectos linguístico-enunciativos e discursivos, a partir da Análise Linguística, passa a se mostrar mais rica e convergente a uma perspectiva dialógica de trabalho com a linguagem, que se traduz numa abordagem mais completa do enunciado, voltada ao todo de seu acabamento estético, ao trabalho do autor, aos efeitos valorativos envolvidos, em projeto interessado na enunciação concreta em primeiro plano, conforme preconiza Bakhtin (2006c) com o método sociológico de estudo da língua.

Na década a partir de 2010, o pêndulo oscilante cognitivo X dialógico é influenciado pelo peso da divulgação ampliada e mais amadurecida, tanto de conceitos como de compreensões mais abrangentes de cunho epistemológico da teoria do Círculo de Bakhtin, a colocar os sujeitos em interação verbal no centro das relações sociais. Nessa corrente, a LA do Brasil passa a refratar e a refletir essas compreensões aos trabalhos de AL como objeto. A tendência de uma AL sob perspectiva dialógica, prenunciada na primeira década de 2000, mostra-se mais acentuada em trabalhos como os de Romualdo (2011), Ritter (2012), Ohuschi (2013), Rohling e Remenche (2015), Franco de Olivera e Polato (2015), Mendonça (2016), Gomes (2016). Em consequência, o olhar sobre o gênero do discurso se mostra um pouco mais distanciado da abordagem estrutural de sua composição, que remete apenas ao plano textual de sua realização, conforme esclarecem Sobral e Giacomelli (2017). Forma composicional, tema e estilo passam a ser analisados do ponto de vista interno, para que se compreenda a orientação externa e valorativa do gênero à realidade (Bakhtin & Medvedev, 1994; Brait & Pistori, 2012). A dimensão extralingüística da linguagem deixa de ser vista como agente externo à dimensão linguística. Isso é o que Bakhtin (2008) discute em sua proposta de translingüística ao analisar a poética de Dostoiévski e que também remete ao conceito de extraverbal da enunciação, tratado por Voloshinov (1976) do ponto de vista axiológico. Nos termos da Linguística Aplicada do Brasil, essa reinterpretação considera as dimensões verbais e sociais do enunciado nas práticas de AL, como se confere no trabalho de Costa-Hübes (2017). Sem destoar, delineia-se, ainda, uma abordagem da AL axiológica, de modo que o discurso, do ponto de vista de sua constituição socioideológica, parece um pouco mais enfocado que a compreensão do gênero quando abordado via perspectivas cognitivistas que se refletem à abordagem de aspectos linguísticos. As categorias linguístico-enunciativas e discursivas, sob viés da linguística ou da gramática, começam a ser revestidas de uma interpretação valorativa focada na realização axiológica, observada a partir do plano estilístico-gramatical (Polato, 2017; Polato & Menegassi, 2017, 2018, 2019).

Diante da história, como elo ao fazer científico ininterrupto da LA deste país, o presente artigo apresenta um estatuto dialógico para a Análise Linguística. O estatuto emerge de todas essas tendências alcançadas pelo objeto em mais de três décadas de desenvolvimento, ancora-se verticalmente em princípios dialógicos, para convergir ao seu objetivo de corroborar a emancipação humana por meio da compreensão e da produção de discursos éticos, permeados de posicionamentos representativos de valores de dados grupos na organização social, para promover apoio coral de vozes sociais de interesse. Esses valores são compartilhados a partir de um plano axiológico, que envolve a análise da composição valorada de vozes do discurso, a entoação, os juízos de valor, as apreciações possíveis em dada situação sócio-histórica, cultural e ideológica de interação discursiva, cuja compreensão da configuração é prerrogativa à produção de sentidos. Se o “[...] todo o verbal no comportamento do homem (assim como os discursos exterior e interior) de maneira nenhuma pode creditar-se a um sujeito singular tomado isoladamente, pois não pertence a ele, mas sim ao seu grupo social (ao seu ambiente social)” (Bakhtin, 2001, p. 87), a AL de estatuto dialógico é prospectada como prática pedagógica que considera a orientação metodológica sociológica para a abordagem do discurso vivo.

A caracterização pedagógica proposta abrange os planos teóricos, conceituais e metodológicos, de forma dialógica, com expansões fundamentadas nos pressupostos da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, sob interpretação analítica da Análise Dialógica de Discurso. O estatuto dialógico retrospectiva e prospecta tendências, para (re)orientar proposições que envolvam a tomada do objeto sob uma perspectiva dialógica, em todas as direções de sua abordagem científica e prática.

O ESTATUTO DIALÓGICO DA ANÁLISE LINGUÍSTICA: CARACTERIZAÇÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA

Assumimos a mobilização do discurso em forma de estatuto, pela arquitetura axiológica deste gênero, de tom orientador, a serviço da finalidade discursiva aqui inscrita. O adjetivo dialógico satura o estatuto de uma natureza não fechada, puramente prescritiva, o que nos permite fundamentar e justificar os princípios dispostos e colocá-los à reflexão.

Dos princípios fundamentais

A Análise Linguística de estatuto dialógico, doravante (ALD) ou AL dialógica, é uma perspectiva pedagógica de abordagem de aspectos linguístico-enunciativos e discursivos em textos mobilizados em gêneros discursivos, que mira, em primeiro plano, a compreensão e a produção valorada do discurso, e portanto, as relações sociais representadas, a partir de uma abordagem valorativa da língua, que se efetiva na análise da relação estilo-gramática materializada em enunciados concretos (Bakhtin, 2003c; 2013a).

A ALD se ancora no princípio sociológico de que a qualidade e a velocidade das respostas ativas elaboradas na cadeia do discurso, as quais passam pelo diálogo interior dos sujeitos sócio-históricos situados e inseridos em práticas de interação verbal (Bakhtin, 2006e), são delineadas a partir de níveis de consciência socioideológica acerca do funcionamento da interação verbo-social e desfecham na habilidade de compreender e produzir discursos a partir de uma consciência deliberada, representativa de um posicionamento axiológico e, logo, ético, assumido pelo autor sobre temas sociais em práticas de linguagem (Bakhtin, 1988b, 2003c, 2001).

Seus objetivos tanto são pragmático-pedagógicos como sociais, por a AL dialógica visar que os sujeitos-alunos participantes da organização social alcancem a compreensão da configuração axiológica das situações sócio-históricas e ideológicas amplas e imediatas de interação – história e axiologias - em uma abordagem especialmente interessada no evento de interlocução demarcada (Gerald, 1991-2013), lugar onde o uso da língua ultrapassa domínios cognitivos, por estar circunscrito à especificidade das relações sociais constituídas, nas quais se funda a enunciação concreta, nunca repetível, lugar de constituição de sujeitos e sempre ponto alto de análise para o Círculo de Bakhtin.

Do plano teórico e metodológico de orientação a práticas e a pesquisas

O plano teórico e metodológico de orientação a práticas e a pesquisas responde, dialogicamente, aos princípios fundamentais já elencados. A eles se acrescentam:

Em nível prático e pedagógico, a ALD abrange as atividades epilinguísticas e metalinguísticas (Franchi, 1987; Gerald, 1991-2013) nas práticas de linguagem vivenciadas no processo de ensino e aprendizagem da língua, sendo as primeiras as principais responsáveis pela ampliação da consciência socioidológica dos sujeitos-alunos, que assumem o papel de coautores de textos mobilizados em gêneros, a partir de processos reflexivos ancorados em relações extralinguísticas e linguísticas, e as que seguem, as responsáveis pela apreensão teórico-científica que envolve objetos linguísticos específicos abordados. Em ordem metodológica, as práticas epilinguísticas antecedem as metalinguísticas, conforme prenunciam Franchi (1987) e Gerald (1991-2013),

porque ALD é, primordialmente, sociológica e menos prescritiva em todos os seus domínios, sejam eles teóricos, conceituais ou metodológicos, consoante ao que defende, por exemplo, Bakhtin (2006g, h, i), ao propor uma metodologia sociológica para abordagem para a sintaxe.

As práticas pedagógicas de Análise Linguística de estatuto dialógico se ancoram na compreensão de que nenhuma consciência social pode ser expandida se cada ‘eu’ não for constituído a partir do diálogo com outros ‘eus’ e seus valores. Na escola, os outros ‘eus’ do sujeito-aluno estão constituídos e representados, em grande parte, nos textos/enunciados mobilizados em gêneros que lê ou produz, juntamente com o professor e os demais colegas de sala. Essa interação é mediada pela epilinguagem, a expandir, flexibilizar e fortalecer a consciência socioideológica dos sujeitos-alunos para uma vivência social respeitosa e tolerante, balizada pelo diálogo.

Essa proposição social é convergente à epistemologia da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin que preconiza: “[...] a penetração mútua com manutenção à distância; é o campo de encontro de duas consciências, a zona de contato interior entre elas” (Bakhtin, 2003d, p. 395-396). Tais teorizações confluem à compreensão do fenômeno da refração do ser por meio do signo ideológico (Bakhtin, 2006a) e ao fenômeno do compartilhamento de condutas sociais reconhecidas por meio das axiologias sociais na enunciação - juízos de valor, extraverbal e entoação (Voloshinov, 1976). Da consideração desses aspectos, decorre reflexão social assentada em pressupostos do Círculo: posicionamentos que achatam a diversidade de pensamentos são castradores, autoritários e vislumbram a manutenção de relações de poder, instituídas sob a ordem de que representam as melhores e únicas possibilidades de relações humanas na organização social. A tentativa arbitrária das ideologias formalizadas em estabilizar um índice de valor de verdade único para o signo e, logo, para o ser que a partir dele se refrata, (Bakhtin, 2006a, b, c), é um exemplo que ilustra a tentativa de regular a organização da vida social. É desse modo que Bakhtin e outros autores do Círculo compreendem a própria palavra e a produção discursiva como arenas de luta social. Decorre que a polarização monológica não condizente à formação humana livre sob as bases dialógicas (Bakhtin, 2003e) seria combatida por meio de práticas dialógicas de análise linguística nas aula de língua, seja na leitura/escuta seja na escrita/oralidade, nas quais as atividades epilinguísticas façam saltar vozes sociais, os juízos de valor, apreciações, entoações que dão vida social plural ao discurso e que dizem de lugares que os homens ocupam na organização social. As análises de Bakhtin (2008, 2013b) sobre a poética de Dostoiévski e sobre o contexto de Rabelais, em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, se inscrevem na arquitetônica da obra do Círculo a ilustrar como estes eventos discursivos largam novas possibilidades à participação do homem na organização social, com equipolência de vozes e, logo, representação de formas de vivências sociais diferenciadas daquelas reguladas pelos domínios da ideologia formal.

Para responder à proposição social de formação pelo diálogo, a ALD preconiza uma abordagem valorativa de todos os aspectos de ordem linguística no enunciado e assim reconhece a importância de se explorar, em nível analítico, as axiologias sociais inerentes à enunciação, e naturalmente refratadas e refletidas nos aspectos do material verbal do enunciado (Voloshinov, 1976), arranjado pelo autor a partir da relação social e material estilo-gramática. Tal pressuposto converge, nos termos de práticas de Análise Linguística Dialógica: a) à abordagem de uma possível expressividade fônica calcada em valores sociais compartilhados pelos interlocutores de uma comunidade discursiva, envolvendo-se, por extensão, seus modos entoacionais (Romualdo, 2011); b) à compreensão sociológica ao valor de todos os aspectos que abarcam a morfologia das palavras, em sua formação ou aspecto categorial e, principalmente, do ponto de vista de seu direcionamento ideológico ao tema, ao posicionamento manifestado sobre ele e aos interlocutores constituídos nos enunciados; d) à abordagem sociovalorativa da sintaxe, sob perspectiva da composição dialogizada e valorada de vozes que compõem o discurso, conforme sugere Bakhtin (1988b); Bakhtin (2006g, h, i), o que, também, suscita considerar as relações valorativas estabelecidas pelo uso ou não de conectivos, elementos de ligação responsáveis por estabelecer relações tanto lógico-semânticas quanto axiológicas entre palavras, sintagmas,

orações, parágrafos, ou seja qual for a unidade tomada para análise (Bakhtin, 2013a), sempre a partir de uma postura metodológica sociológica, observada a partir da relação estilo-gramática (Bakhtin, 2003c, 2013a).

Do ponto de vista morfológico e sintático, para que se expandam apreciações conceituais e posturas metodológicas, a ALD ressalta e observa que as palavras representam índices de valor social circunscritos à enunciação concreta tanto quanto as estruturas sintáticas mobilizadas representam vozes sociais convocadas, blocos de juízo de valor e entoacionais mais complexos, remetentes a relações sociais compreendidas a partir de dado extraverbal inerente à enunciação, conforme ensinam Bakhtin (2006e, f, g) e Voloshinov (1976).

Ao sugerir uma abordagem sociológica para a sintaxe capaz de enfocar a composição dialogizada e valorada do discurso, Bakhtin (2006e, f, g) chama atenção para o fato de as estruturas da língua mobilizadas nos enunciados carregarem força social de influências reguladoras, estimulantes ou inibidoras, atuantes sobre as tendências sociais de apreensão apreciativa do discurso, ou seja, de possuírem uma orientação apreciativa, assentada na sócio-história mais ampla e na situação imediata da enunciação concreta. No enunciado, a sustentação axiológica realiza-se, em grande parte, a partir da relação estilo-gramática, que pode ser descrita deste mesmo ponto de vista axiológico, para que se torne apreensão científica reflexiva ao uso, como prospectado na experiência docente de Bakhtin (2013a), em *Questões de estilística no ensino de língua*, na qual vislumbra a formação da linguagem viva, própria e expressiva do aluno.

Os conceitos axiológicos da entoação, do juízo de valor e do extraverbal (Bakhtin, 2006e, f, g; Voloshinov, 1976) são pontos-chave na proposta de Análise Linguística Dialógica. A entoação que se apresenta no discurso é um ponto alto do encontro de duas consciências. Por ser socialmente compartilhada e também marca autoral, coloca em diálogo os sentimentos e as apreciações valorativas do “eu-social” e do “outro-social” sobre o objeto do discurso. A entoação diz de quem fala e para quem, onde e quando. É desse modo que agrada ou desagrada, tornando-se chave para a resposta (Voloshinov, 1976). O autor socioconsciente acerta sua entoação na interação (Bakhtin, 1988b), como apreciação compartilhada de valores. Assim, a entoação autoral presente nas palavras, nas estruturas sintáticas da língua escolhidas, emerge como sobretudo social na forma da entoação expressiva da enunciação, a sustentar a posição valorativa do autor sobre um tema social, com e diante do interlocutor naquela situação, o que se mostra presente nas marcas estilísticas próprias, sempre regidas pelas forças sociais.

A “[...] tomada de consciência implica discurso interior, entoação interior e estilo interior, ainda que rudimentares” (Bakhtin, 2006c, p. 116) e “[...] o sentido do discurso não existe fora de sua acentuação e entoação vivas” (Bakhtin, 2006h, p. 196). São consciências sociais que compartilham valores possíveis sobre um tema em dada sociedade (Bakhtin, 2006c). Por isso, a proximidade recíproca que o autor mantém com o tema também é um fator determinante do estilo e “[...] todas as línguas possuem meios gramaticais diretos de expressão deste aspecto” (Voloshinov, 1976, p. 19). Do mesmo modo, “[...] a própria estrutura da língua reflete o evento da inter-relação entre os falantes” (Voloshinov, 1976, p. 19). O autor pode escolher a estrutura se a domina cognitivamente e axiologicamente.

Já compartilhamento de juízos de valor social pelo autor e pelo interlocutor sobre o tema envolve o extraverbal da enunciação, ou seja, a compreensão do horizonte espacial ideacional comum a eles, ou “[...] o conhecimento ideológico dos falantes sobre as condutas que devem ter nesse espaço determinado” (Menegassi & Cavalcanti, 2013, p. 436); o conhecimento e a compreensão comum da situação e a avaliação comum dessa situação (Voloshinov, 1976).

Como um todo, a compreensão da relação imbricada entre os três conceitos axiológicos tratados – entoação, juízo de valor e extraverbal – desfecha na compreensão da relação estilo-gramática como lugar privilegiado do trabalho autoral. A língua com sua gramática, aqui vista como possibilidade aberta à realização linguística, é o material do autor (Bakhtin, 1988a, 2003c, 2013a). É com esse material que ele mostra seu etilo pluridiscursivo. Logo, para a ALD:

A abordagem do estilo está circunscrita à abordagem das formas típicas de enunciado – os gêneros do discurso – e a forma de abordar o gênero influencia na forma de conceber o estilo, visto, nesta perspectiva,

o estilo próprio ser marca autoral assentada em uma compreensão social que participa do discurso interior, passa pelo gênero, cuja a forma é também axiológica, e volta ao social como resposta peculiar, única. Por isso, complementa-se:

A ALD vem ao encontro da abordagem dos gêneros do discurso sob a perspectiva dialógica (Acosta-Pereira & Rodrigues, 2010; Sobral & Giacomelli, 2017), de modo que as análises se voltem a todos os aspectos que dizem respeito a sua realização ética e estético-valorativa e não apenas cognitiva. Tem-se em foco central o todo de seu acabamento, a compreensão axiológica da forma (Bakhtin, 1988a), para se desfechar na compreensão e produção social discursiva valorada e aberta à escolha socioconsciente do autor, de modo circunscrito aos campos sociais da atividade humana.

Como a história de configuração da AL em três décadas de seu desenvolvimento na Linguística Aplicada do Brasil aponta (Polato, 2017), a teoria do Círculo de Bakhtin logra espaço privilegiado na LA deste país. Mas a questão para uma perspectiva dialógica de ordem sociológica de abordagem do gênero e dos aspectos linguísticos é a compreensão axiológica da forma composicional, do material verbal e do conteúdo ao todo valorativo – a obra (Bakhtin, 1988a), como força ética de vontade discursiva. Nesse sentido, no gênero, o estilo verbal é este lugar de dissolução à luz do trabalho socioindividual do autor. O estilo carrega a força e a ação representativa do ‘eu-ser-social, aqui e agora, sou com e diante de outro-ser-social’ que me constitui e o qual também constituo neste enunciado por antecipação, enquanto tratamos desta temática discursiva específica do ponto de vista de uma proposta de exauribilidade (Bakhtin, 2003b). A essa realização valorativa, interna e externa do enunciado – das relações linguísticas e extralinguísticas - a perspectiva dialógica de trabalho com a linguagem e com o gênero chama de arquetônica, como bem explicam Rojo (2005), Brait e Pistori (2012) e Sobral e Giacomelli (2017). Se o material é a língua com sua gramática, o estilo é estilístico-gramatical, é idiossincrático-genérico (Bakhtin, 2003a), é ético e cognitivo (Bakhtin, 1988b), lugar para o homem se refratar e refletir próprio socialmente.

Esta compreensão está circunscrita a um projeto de força socioverbal, a serviço do ato social responsável ou responsável, conforme trata Sobral (2008). Por isso, o domínio ético, que requeremos ser desenvolvido na escola a partir de práticas de Análise Linguística de estatuto dialógico, exige do sujeito-aluno, coautor de enunciados, a compreensão dos valores socioideológicos que permeiam a produção discursiva. Isso é possível à medida em que ele puder participar ativamente de práticas epilinguísticas que o permitam apreender refletindo sobre a língua em funcionamento, tanto na leitura/escuta quanto na escrita/oralidade, de modo que a língua possa ser primordial e especialmente analisada e aplicada sob viés valorativo. Aqui, conforme ensina Bakhtin (1988b, 2001, 2003c, 2013a), qualquer escolha gramatical é representativa de um ato estilístico, consciente, que permite ao sujeito representar-se como participante de grupo social, em atitude ética, como se quer autoral. Desse modo:

A ALD compreende o estilo verbal concretizado no gênero como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais, cujas escolhas vocabulares e sintáticas do autor estão orientadas às ligações objetais e semânticas de caráter cognitivo e ético (Bakhtin, 1988c), refletindo o compartilhamento de axiologias sociais sustentadoras da constituição discursiva (Polato & Menegassi, 2017).

Essa proposta converge à lançada por Geraldi (1984-2006, 1991-2013), Franchi (1987) com ênfase à abordagem da língua no texto. Aqui ela é ampliada com ênfase à língua e à tomada do enunciado mobilizado em gênero, como já se demarcou na primeira década de 2000, a partir da incorporação de novidades conceituais à AL. Neste momento histórico, a proposta amplia tendências já apresentadas na segunda década de 2000 e toma direção convergente a uma Análise Dialógica de Discurso (Brait, 2008) e, logo, à eleição do discurso multifacetado como objeto de análise.

No discurso, o estilo verbal empregado nos enunciados pressupõe maneira peculiar de o autor realizar-se na interação com o ouvinte e com o tema (Bakhtin, 1988b; Voloshinov, 1926^[2]). O homem se refrata a partir da palavra (Bakhtin, 2006a) e, logo, a partir do estilo, porque o autor é não empírico (Bakhtin, 2003a, b). Ele apreende do social, mas sabe de seu ato e por isso precisa ser deliberado e consciente nas práticas elaboradas

de linguagem em que é responsável pelo dizer e pela forma como diz. Na acepção de Bakhtin (1988a, 2003a, b), explicada por Faraco (2007), é autor-criador. Diante disso:

A Análise Linguística de estatuto dialógico tem por objetivos formar autores-criadores (Faraco, 2007) com estilo próprio de linguagem que ultrapassa a apreensão cognitiva e literalmente formuláica.

Desse modo, a ALD se propõe como prática a enriquecer axiologicamente a linguagem dos alunos (Bakhtin, 2013a) e esta é uma finalidade tanto pragmática quanto social. No primeiro caso, delinea-se que haja um lugar para ser e existir legitimamente em interação com os outros. No segundo, delinea-se a formação de consciências esclarecidas para encorpar ou refutar discursos, de modo a representar posicionamentos confortáveis ou desconfortáveis na vida social.

Dos diálogos teóricos basilares e analíticos aplicados nas práticas de ALD

A AL está teoricamente ancorada nos pressupostos do dialogismo do Círculo de Bakhtin e, por essa natureza, tem se mostrado historicamente aberta ao diálogo com outros desenvolvimentos teóricos, inclusive os de base cognitivista (Polato, 2017). No entanto, muitas vezes, esse diálogo não desfecha na abordagem valorativa de aspectos linguísticos, tampouco em uma abordagem metalinguística inovadora, responsiva a algum fenômeno observado no enunciado concreto. Diante dessa realidade imanente, é relevante considerar:

Para a ALD, não é possível que, tanto em nível de fundamentação quanto em nível prático de análise de objetos, as teorias balizadoras ou aparatos analíticos que venham a dialogar com os pressupostos da teoria do Círculo de Bakhtin reduzam a compreensão de aspectos éticos ou valorativos de constituição socioidiológica e histórica do discurso a outros de ordem puramente cognitiva.

O percurso histórico de análise do corpus representativo das pesquisas em AL na LA do Brasil mostra a heterogeneidade nas perspectivas de abordagem de objetos e consequentes procedimentos metalinguísticos, geralmente cognitivos, aplicados nas práticas analisadas, sugeridas ou efetivadas. No que se refere ao aparato metalinguístico, especificamente, sabemos da força da tradição das compreensões já esboçadas pelas gramáticas de cunho tradicional, por exemplo. O que é vivo não precisa ser descartado, pois isso não é inerente ao diálogo, que também requer considerar avanços. Em relação a gramáticas, por exemplo, hoje já temos à disposição algumas mais avançadas. As de cunho funcional, como as de Neves (2000), Castilho (2010) são exemplos, pois apresentam quadros conceituais oriundos de análises já baseadas em usos sociais.

Sabemos que a língua não é estática, pronta, acabada, logo sua gramática também não é. Assim, a proposta de uma Análise Linguística Dialógica não despreza a metalinguagem das gramáticas. Ela apenas aponta limites e expande compreensões, assim como o faz com qualquer metalinguagem advinda de teorias de cunho cognitivista. No diálogo metalinguístico, essa natureza expansiva já se marca como tom de vanguarda nas pesquisas. No entanto, no que se refere à escola básica, algumas problematizações necessitam vir à tona: a metalinguagem das gramáticas de cunho mais tradicional está contemplada em quase todos os domínios das práticas de ensino de língua configuradas na escola brasileira; os livros didáticos se utilizam dela; é a essa nomenclatura que a maior parte dos professores tem acesso.

Desse modo, em práticas de Análise Linguística sob metodologia dialógica, não é produtivo fechar possibilidades de realização metalinguística. Se no momento de descrever fenômenos de linguagem se faz uso de terminologias gramaticais, é de suma importância que a compreensão conceitual possa sofrer expansões interpretativas decorrentes da análise da língua em funcionamento no enunciado. A ALD não se obriga a abraçar conceitos prontos, mas pode expandi-los, reinterpretá-los, e, principalmente, fazer emergir conceitos novos na análise, subjacente ao que é preconizado pela Análise Dialógica de Discurso, alavancada por Brait (2008).

Como já problematizamos, na escola básica, em razão da tradição, as práticas de metalinguagem têm, geralmente, uma natureza de partida mais fechada, assentada nas conceituações das gramáticas. Já na formação de professores, por exemplo, têm partida mais aberta, porque conceitos advindos de várias teorias

linguísticas são subsidiários da compreensão de fenômenos de linguagem. De todo modo, o que importa nas práticas de Análise Linguística Dialógica, em qualquer nível de ensino, é que as práticas metalinguísticas sempre decorrentes das epilinguísticas não se fechem apenas na natureza do conceito pronto, porque a compreensão da língua em funcionamento permite a reavaliação e a expansão do que já está posto.

A considerar que a teoria do Círculo de Bakhtin tem a qualidade de explicar ao professor como funciona a língua e a linguagem nas relações sociais, formá-lo, constitui-lo (Ohuschi, 2013) e de ser baliza teórico-metodológica a elaborações didáticas e à aplicação no processo de ensino e aprendizagem, compreendemos que seus princípios podem nortear os modos de expandir os conceitos de partida eleitos, sempre a apontar como servem à constituição sócio-histórica, cultural e ideológica do discurso.

Da metodologia balizadora das elaborações didáticas e das aplicações

As práticas de Análise Linguística de estatuto dialógico, consoante ao já preconizado pela teoria do Círculo de Bakhtin, sob interpretação da Análise Dialógica de Discurso, requerem a demarcação de uma posição relativa ao esboço metodológico de planejamento e de aplicação. Seu princípio inicial metodológico é:

A ALD se insere, produtivamente, em processos completos elaborados que envolvam a participação autoral, ativa, consciente e deliberada do professor nas práticas de elaboração didática, seja a partir do material didático, seja a partir de processo planejado instaurado. Já o ato de planejar é envolto por uma postura dialógico-metodológica, assentada em conhecimentos teóricos subjacentes, que desfecha em requerer a participação ativa do aluno nas práticas epilinguísticas e metalinguísticas inerentes às práticas de linguagem propostas à vivência em sala de aula.

Dessa consideração, advém a necessidade de delinear compreensões sobre os princípios teórico-metodológicos para nortear o desenvolvimento de práticas epilinguísticas e metalinguísticas sob orientação dialógica, conforme segue:

Práticas epilinguísticas dialógicas respondem e suscitam reflexões ancoradas na compreensão da configuração axiológica das situações sócio-históricas e ideológicas amplas e imediatas de interação, na direção do tema tratado do enunciado. Em nível pedagógico, isso significa dar atenção ao projeto de interlocução demarcada, a partir de condições de produção do enunciado, como as delineadas por Geraldi (1991-2013), ou, de forma mais expansiva, diretamente ancoradas em conceitos e compreensões, sob interpretação dos pressupostos do Círculo de Bakhtin, como finalidade discursiva, tema, interlocutor, gênero, circulação social, suporte textual, posição social (Menegassi, 2011), dimensão verbal e dimensão social do enunciado (Rodrigues, 2005; Costa-Hübes, 2017). Em nível verbal e social, a epilinguagem se preocupa com as vozes que se apresentam no enunciado e com seu arranjo axiológico autoral, com juízos de valor e com as entoações mobilizadas em estratégias de dizer (Geraldi, 1991-2013), o que se concretiza na forma de visadas dialógico-valorativas (Acosta-Pereira, 2013; Franco de Oliveira & Polato, 2015), ao passo que também é responsável por reflexões que levam o aluno a atentar às relações dialógicas que o enunciado em estudo mantém com os outros enunciados que tratam da mesma temática discursiva, sob perspectivas semelhantes ou diferentes. A epilinguagem é, também, o fio dialógico que suscita novas metalinguagens e que expande as existentes em quadros consolidados.

Já as práticas metalinguísticas focam a abordagem de objetos que corroboram a compreensão do todo axiológico compartilhado ao tratamento do tema no enunciado para defesa de um posicionamento discursivo. As práticas metalinguísticas dialógicas tanto envolvem referências arroladas nas atividades epilinguísticas quanto servem a descrever e a caracterizar aspectos linguístico-textuais-enunciativos e discursivos desconhecidos pelo aluno e eleitos para serem ensinados ao seu repertório teórico-científico e cultural. Essas práticas, geralmente, têm partida de quadros consolidados, que, no momento da análise linguística dialógica, sofrem expansões interpretativas valorativas, dado o funcionamento do fenômeno estudado no enunciado específico, a considerar o gênero que mobiliza o discurso, o campo de atividade

humana de onde emerge, as relações dialógicas, as condições de produção que permitem a produção de sentidos. A decisão que envolve o ensino da metalinguagem considera as necessidades curriculares, os objetivos específicos de ensino e avalia o que pode ser mais produtivo para a constituição de habilidades analíticas concernentes ao nível de escolaridade e ao próprio nível dos alunos em dado contexto de ensino e aprendizagem. Na educação básica, as práticas metalinguísticas salvaguardam, em razão da tradição, a possível partida da metalinguagem dos manuais de gramática de perspectivas diversas, em confronto às definições recortadas apresentadas nos livros didáticos (Silva, 2008). A partir de diálogo mediado pelo professor, as práticas metalinguísticas desfecham produtivamente numa elaboração dialógica, da qual o aluno participa ativamente para revestir a metalinguagem escolhida para o trabalho de uma interpretação axiológica, que se faz sentir como expansão ao quadro conceitual de partida. Do mesmo modo, ainda, sob baliza dialógica, pode-se investir na construção aberta e nova de um conceito.

A teoria do Círculo de Bakhtin é uma teoria de articulação e refrata e reflete essa qualidade de não ser unilateral, conforme discute Bakhtin (2003e) em ‘Metodologia das Ciências Humanas’. Assim, nos processos elaborados e que requerem a participação ativa do sujeito-aluno, o texto/enunciado é sempre o ponto de partida e de chegada do processo de ensino e aprendizagem, como propôs Geraldi (1991-2013), com base no que postulou Bakhtin ao delinear as etapas do “[...] movimento dialógico da ‘interpretação’” (Bakhtin, 2003e, p. 401, grifo do autor). Para Bakhtin (2003d, p. 401), “[...] o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo”. Portanto, a metodologia dialógica à abordagem do enunciado visa à produção discursiva engajada, como elo e como ato responsável na cadeia de comunicação verbal, de forma circunscrita a determinados campos da atividade humana. Os enunciados existem para tratar de temas historicamente impregnados dos discursos dados. No entanto, são elos direcionados a modos peculiares, posicionados de concebê-los. Por isso, é ponto-chave:

A Análise Linguística dialógica se interessa, na ciência, nas elaborações didáticas e na aplicação, primordialmente, pela forma como os temas sociais são exauridos ou tratados em enunciados específicos (Bakhtin, 2006d; Bakhtin, 2003) e pelo posicionamento social manifestado, porque isso diz da presença de consciências possíveis em diálogo numa sociedade, que se apresentam concretas a partir de axiologias mobilizadas no enunciado.

Cabe ao professor a responsabilidade de promover situações planejadas para que os discursos falem das relações sociais, a partir de embate que faz nascer posicionamentos temáticos assentados no que parece ferir menos o ser humano e determinados grupos na organização social, a partir da compreensão da realidade representada no texto. É de um lugar diante do outro que o sujeito-aluno se relaciona com os ‘eus’ representados nos enunciados e toma consciência do lugar social que ocupa, para falar com quem pode estar do lado de cá ou de lá.

Bakhtin (2003e), em ‘Metodologia das Ciências Humanas’, afirma que “[...] o objeto da ciências humanas é o ser ‘expressivo e falante’ [...]” e a “[...] formação do ser é uma formação livre” (Bakhtin, 2003e, p. 395). Desse modo, nas práticas de ALD, o sujeito-aluno é autor de linguagem que se quer livre e responsável para assumir posicionamentos de combate à violência, à exclusão, à opressão e outros, como é inerente à produção de saberes circunscritos aos campos das ciências humanas e da linguagem. Embora as sociedades congracem valores remetentes ao contrário disso, sabemos do prejuízo que a história desvela. Por isso, Bakhtin (1988b, p. 86) afirma: “É neste jogo complexo de claro-escuro que penetra o discurso, impregnando-se dele, limitando suas próprias facetas semânticas e estilísticas [...]”, cuja incumbência de mostrar como se constroem é dos estudiosos da linguagem e, na escola, de reflexões epilinguísticas e práticas metalinguísticas decorrentes, vinculadas às práticas de ensino e aprendizagem da língua mediadas pelo professor, das quais o aluno participa ativamente à compreensão e à produção valorada do discurso.

Se as perspectivas cognitivistas constituem as práticas de abordagem linguística, a perspectiva dialógica, logo ética, pretende se valer da proposta de Análise Linguística de estatuto dialógico para tensionar, fazer

ranger e dissolver axiologicamente esses domínios, de modo a provocar expansões para dar compreensão à vida social do discurso e palavra aos sujeitos em situação de ensino e aprendizagem da língua e, logo, na vida.

Sobre todos os princípios dispostos neste estatuto, o mais importante para as relações humanas, para a sociedade, segue como justificativa em forma de diálogo: a Análise Linguística de estatuto dialógico serve à expansão de consciências e por isso foca promover meios de trabalho com a linguagem para equipará-las, não no sentido monológico, arbitrário de torná-las iguais, mas a fim de que se estabeleça um diálogo justo, em que um conheça o valor da palavra do outro, a considerar quem são as mulheres e os homens em interação e qual papel exercem nas relações históricas e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, delineamos uma proposta teórico-metodológica norteadora de Análise Linguística sob perspectiva dialógica, a fim de orientar as abordagens dialógicas científicas e aplicadas do objeto. Portanto, é importante retomar seus pontos fundamentais na catarse de princípios:

1. A Análise Linguística de estatuto dialógico mira a compreensão e a produção valorada do discurso e a transformação de relações sociais.
2. Ensina a responder ativamente e em decorrência seus objetivos são pragmático-pedagógicos e sociais.
3. Expande consciências por meio diálogo mediado pela epilinguagem entre a consciência do sujeito-aluno e as manifestadas no texto-enunciado na forma de axiologias sociais convocadas.
4. Dá ênfase à abordagem do estilo pluridiscursivo do ponto de vista da representação autoral conformada ao gênero e à gramática como condição possível a essa realização.
5. Ensina os alunos a compartilharem efeitos valorativos em todos os possíveis níveis de análise linguística, seja fonético, fonológico, morfológico ou sintático, a partir da relação estilo-gramática.
6. Preconiza que as palavras representam índices de valor social circunscritos à enunciação concreta tanto quanto as estruturas sintáticas mobilizadas representam blocos de juízo de valor e entoacionais socialmente compartilhados.
7. Objetiva formar autores-criadores com estilo próprio de linguagem.
8. Insere-se, produtivamente, em processos completos elaborados que envolvam a participação autoral do professor nas práticas de elaboração didática.
9. Integra práticas epilinguísticas e metalinguísticas sob a orientação dialógico-metodológica disposta.
10. Interessa-se, nas elaborações didáticas e aplicações, primordialmente, pelo forma como os temas sociais são exauridas ou tratadas em enunciados específicos, para compartilhamento de um posicionamento discursivo que diz de modos de conceber a vida.

REFERÊNCIAS

- Acosta-Pereira, R. (2013). A reenunciação e as visadas dialógico-valorativas no gênero jornalístico notícia: projeções e discursividade. *Letra Magna*, 9(16). Recuperado de http://www.letramagna.com/art_16_12.pdf
- Acosta-Pereira, R., & Rodrigues, R. H. (2010). Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica
- Bakhtin, M., & Medvedev, P. N. (1994). Los elementos de la construcción artística. In M. Bakhtin, & P. N. Medvedev, P. N. *El método formal en los estudios literarios: introducción crítica a una poética sociológica* (p. 207-224, T. Bubnova, Versión española). Madrid, ES: Alianza.
- Bakhtin, M. (1988a). O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In M. Bakhtin. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (p. 13-70, A. F. Bernardini et al., Trad.). São Paulo, SP: Unesp.
- Bakhtin, M. (1988b). O discurso no romance. In M. Bakhtin. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (p. 71-210, A. F. Bernardini et al., Trad.). São Paulo, SP: Unesp.
- Bakhtin, M. (2001). *O freudismo: um esboço crítico* (P. Bezerra, Trad.). São Paulo, SP: Perspectiva.

- Bakhtin, M. (2003a). O autor e a personagem. In M. Bakhtin. *Estética da criação verbal* (p. 13-70, P. Bezerra, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2003b). O problema do autor. In M. Bakhtin. *Estética da criação verbal* (p. 173-194, P. Bezerra, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2003c). Os gêneros do discurso. In M. Bakhtin. *Estética da criação verbal* (p. 261-306, P. Bezerra, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2003d). O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In M. Bakhtin. *Estética da criação verbal* (p. 307-336, P. Bezerra, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2003e). Metodologias das ciências humanas. In M. Bakhtin. *Estética da criação verbal* (p. 393-410, P. Bezerra, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2006a). Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In M. Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem* (12a ed., p. 31-38, M. Lahud & Y. F. Vieira, Trad.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2006b). Relação entre as infraestruturas e as superestruturas. In M. Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem* (12a ed., p. 39-47, M. Lahud & Y. F. Vieira, Trad.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2006c). A interação verbal. In M. Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem* (12a ed., p. 110-127, M. Lahud & Y. F. Vieira, Trad.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2006d). Tema e significação na língua. In M. Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem* (12a ed., p. 128-138, M. Lahud & Y. F. Vieira, Trad.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2006e). Teoria da enunciação e problemas sintáticos. In M. Bakhtin/V. N. Volochinov. *Marxismo e filosofia da linguagem* (12a ed., p. 139-143, M. Lahud & Y. F. Vieira, Trad.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2006f). Discurso de outrem. In M. Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem* (12a ed., p. 144-154, M. Lahud & Y. F. Vieira, Trad.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2006g). Discurso indireto, discurso direto e suas variantes. In M. Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem* (12a ed., p. 155-173, M. Lahud & Y. F. Vieira, Trad.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2006h). Discurso indireto livre em francês, alemão e russo. In M. Bakhtin. *Marxismo e filosofia da linguagem* (12a ed., p. 174-204, M. Lahud & Y. F. Vieira, Trad.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2008). *Problemas da poética de Dostoiévski* (4a ed., P. Bezerra, Trad.). São Paulo, SP: Forense-Universitária.
- Bakhtin, M. (2013a). *Questões de estilística no ensino de língua* (S. Grillo & E. V. Américo, Trad.). São Paulo, SP: Editora 34.
- Bakhtin, M. (2013b). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (Y. F. Vieira, Trad.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Brait, B. (2008). Análise e teoria do discurso. In B. Brait (Org.), *Bakhtin: outros conceitos-chave* (p. 9-33). São Paulo, SP: Contexto.
- Brait, B., & Pistori, M. H. C. (2012). A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa*, 56(2), 371-401. Doi: 10.1590/S1981-57942012000200002
- Castilho, A. T. (2010). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo, SP: Contexto.
- Costa-Hübes, T. C. (2017). Prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. *Percursos Linguísticos*, 7(14), 270-294.
- Faraco, C. A. (2007). Autor e autoria. In B. Brait (Org.), *Bakhtin: conceitos-chave* (4a ed., p. 37- 60). São Paulo, SP: Contexto.
- Franchi, C. (1987). Criatividade e gramática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, (9) 5-45.
- Franco de Oliveira, N. A., & Polato, A. D. M. (2015). Análise linguística: o funcionamento dialógico-valorativo de recorrências gramaticais na notícia. *Polifonia*, 22, 1-10.
- Geraldi, J. W. (1984-2006). (Org.), *O texto na sala de aula* (4a ed.). São Paulo, SP: Ática.
- Geraldi, J. W. (1991-2013). *Portos de passagem* (5a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

- Gomes, S. N. S. (2016). *A responsabilidade discente em atividades de análise linguística com o gênero crônica no ensino fundamental* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém.
- Koch, I. G. V. (1984). *Argumentação e linguagem*. São Paulo, SP: Cortez.
- Mendonça, M. R. S. (2016). Análise linguística e produção de textos: reflexão em busca da autoria. *Na ponta do lápis*, 27, 40-42. Recuperado de <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/2264/analise-linguistica-e-producao-de-textos-reflexao-em-busca-de-autoria>.
- Menegassi, J. R. (2011). Conceitos bakhtinianos na prova de redação. *Revista Línguas e Letras*, (n. esp. XIX CELLIP). Recuperado de <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/5487/4179>
- Menegassi, R. J., & Cavalcanti, R. S. M. (2013). Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. *Alfa*, 57(2), 433-449.
- Neves, M. H. M. (1990). *Gramática na escola*. São Paulo, SP: Contexto.
- Neves, M. H. M. (1993). Reflexões sobre o estudo da gramática nas escolas de 1.º e 2.º graus. *Alfa: Revista de Linguística*, 37, 91-98. Recuperado de <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/download>
- Neves, M. H. M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo, SP: UNESP.
- Ohuschi, M. C. G. (2013). *Ressignificação de saberes na formação continuada: a responsabilidade docente no estudo das marcas linguístico-enunciativas dos gêneros notícia e reportagem* (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Parâmetros Curriculares Nacionais [PCN]. (1998). *1º e 2º ciclos do ensino fundamental*. Brasília, DF: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental.
- Polato, A. D. M. (2017). *Análise Linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Polato, A. D. M., & Menegassi, R. J. (2017). O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, 12(2), 123-143. Doi: 10.1590/2176-457327809
- Polato, A. D. M., & Menegassi, R. J. (2018). O conto em prática de análise linguística dialógica no Ensino Médio. In E. M. D. Barros, M. S. D. Striquer, & L. J. Storto. *Propostas didáticas para o ensino da língua portuguesa* (p. 43-69, 1ª ed.). Campinas, SP: Pontes.
- Polato, A. D. M., & Menegassi, R. J. (2019). A epistemologia dialógica da análise linguística. *Fórum linguístico*, 16(2), 3742-3757. Doi: 10.5007/1984
- Porto, I. M. N. (2008). *Análise linguística, via refacção textual: no contexto dos gêneros discursivos como eixo de progressão curricular* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Possenti, S. (1996). *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Ritter, L. C. B. (2012). *Práticas de leitura/análise linguística com crônicas no ensino médio: proposta de elaboração didática* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Rodrigues, R. H. (2005). Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In J. L. Meurer, A. Bonini, & D. Motta-Roth (Orgs.), *Gêneros: teorias, métodos e debates* (p. 152-183). São Paulo, SP: Parábola.
- Rohling, N., & Remenche, M. L. R. (2015). Concepções de análise linguística na formação inicial de professor de Língua Portuguesa. *Forum Linguístico*, 12(3), 827-843. Doi: 10.5007/1984-8412.2015v12n3p827
- Rujo, R. (2005). Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In J. L. Meurer, A. Bonini, & D. Motta-Roth. (Org.), *Gêneros: teorias, métodos e debates* (p. 184-207). São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Romualdo, E. C. (2011). Expressividade fônica e o trabalho do professor de língua portuguesa. *Polifonia*, 18(23), 43-66.
- Silva, A. (2008). *Entre ensino de gramática e análise linguística: um estudo sobre mudanças em currículos e livros didáticos* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Sobral, A. U. (2008). O ato 'responsável' ou ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do agente. *Signum: Estudos de Linguagem*, 11(1), 219-235. Doi: 10.5433/2237-4876.2008

- Sobral, A. U., & Giacomelli, K. (2017). Gêneros na escola: uma proposta didática de trabalho. *Linguagem & Ensino*, 20(20), 449-469.
- Travaglia, L. C. (1996). *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1.o e 2.o graus* (1a. ed.). São Paulo, SP: Cortez.
- Vedovato, L. (2008). *O gênero poema em sala de aula: uma proposta de estudo e transposição didática* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- Voloshinov, V. (1976). Discourse in life and discourse in art - concerning sociological poetics. In *Freudismo: a marxist critique*. New York: Academic Press.

NOTAS

- [1] Na edição consultada, a autoria de Marxismo e filosofia da Linguagem é creditada a Bakhtin (2006). No entanto, mais recentemente, estudiosos da obra do Círculo reconheceram que a autoria pertence a Valentin Volóchinov, como na 1ª edição de 2017, publicada pela Editora 34, com tradução de Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.
- [2] “Discurso na vida e discurso na arte: (sobre poética sociológica)” é uma tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, para fins didáticos, do ensaio *Discourse in Life and Discourse in Art – Concerning Sociological Poetics*, traduzido diretamente do russo por I. R. Titunik e publicado na obra *Freudism*, da editora Academic Press, 1976, com autoria creditada a V. Voloshinov. O original russo “Slovo v zhizni i slovo v poesie”, publicado em [1926], na revista *Zvezda* nº 6, também assinado Voloshinov, é a fonte primeira. No Brasil, a tradução de Faraco e Tezza têm sido referência de consulta comum no meio acadêmico, à qual se credita a autoria dividida Volochinov/Bakhtin (1926)..